

Mostra resgata o legado de Aderbal Freire-Filho

PÁGINA 3



Prime Video dá chance a 'Piedade'

PÁGINA 5



Gastronomia: conheça as trufas cultivadas no Brasil

PÁGINA 7



## 2º CADERNO

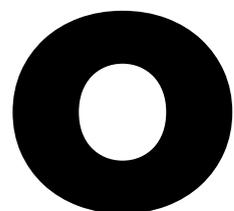


Divulgação

# A grande festa do nosso teatro

Em sua 35ª edição, o Prêmio Shell celebra diversidade das artes cênicas brasileiras

Por **Affonso Nunes**



Prêmio Shell de Teatro, a mais importante e tradicional premiação do teatro brasileiro, anuncia os vencedores de sua

35ª edição nesta terça-feira (18), no Teatro Riachuelo. Reconhecendo a excelência da

cena teatral, a premiação contempla espetáculos que fizeram temporada no Rio de Janeiro e em São Paulo ao longo de 2024. Além disso, reafirma seu compromisso com a diversidade e abrangência das artes cênicas ao premiar, na Categoria Destaque Nacional, produções de todas as regiões do país.

Na parte carioca da premiação, Dadado de Freitas e Mauricio Lima são os favoritos ao prêmio de melhor dramaturgia pelo espetá-

culo "Arqueologias do Futuro". A dupla também tem grandes chances de ganhar o Shell na categoria direção.

Apontado pela crítica como o maior ator brasileiro em atividade, o veterano Othon Bastos deverá ser consagrado como melhor ator pelo autobiográfico "Não me Entrego, Não!". Andréa Beltrão é nome forte para o troféu de melhor atriz por sua atuação em "Lady Tempestade".

Nas categorias técnicas, o júri regional deve apontar como vencedores Marieta Spada por "Um Filme Argentino" (cenário); Claudia Schapira por "América: Em Três

Atos" (figurino); Adriana Ortiz por "Um Filme Argentino" (iluminação); e Dani Nega por "Eu Sou um Hamlet" (música)

Com apresentação de Renata Sorrah e Clayton Nascimento, a cerimônia prestará homenagem à Tribo de Atadores Ôi Nós Aqui Traveiz, que há mais de quatro décadas mantém uma trajetória ininterrupta de criação e resistência. Pela primeira vez, o Shell homenageia um único grupo, escolhido pelo conjunto de jurados de todas as regiões do Brasil. A direção e o roteiro da cerimônia são assinados por Zélia Duncan.

**Continua na página seguinte**

# O reconhecimento do talento

**A**o longo de 35 edições, o Prêmio Shell de Teatro consolidou-se como a mais prestigiosa celebração das artes cênicas no Brasil. A cada ano, suas indicações e premiações não apenas reconhecem talentos e espetáculos marcantes, mas também ajudam

a contar a história do teatro brasileiro, registrando sua evolução e seus grandes momentos.

A edição deste ano conta com um corpo de jurados composto por renomados profissionais das artes cênicas. No Rio de Janeiro, fazem parte do júri Ana Luisa Lima (pro-

fessora, produtora e gestora cultural), Biza Vianna (figurinista, diretora de arte e produtora cultural), Daniele Ávila (artista de teatro, crítica e curadora), Leandro Santanna (produtor cultural, gestor público e ator) e Paulo Mattos (curador e produtor cultural).

Já em São Paulo, avaliam os espetácu-

los Evaristo Martins de Azevedo (crítico de arte), Ferdinando Martins (professor e crítico de arte), Lucelia Sergio (atriz, diretora e dramaturga), Luiz Amorim (ator, diretor e gestor em produção cultural) e Maria Luisa Barsanelli (jornalista).

Os espetáculos concorrentes na categoria “Destaque Nacional” foram analisados por um júri formado por representantes de diferentes estados brasileiros: Dane de Jade (atriz, pesquisadora e gestora cultural – Ceará), Giovana Soar (atriz, diretora, tradutora e curadora – Paraná), Guilherme Diniz (pesquisador, crítico cultural e professor – Minas Gerais) e Marcio Meirelles (encenador, dramaturgo e gestor cultural – Bahia).

## OS INDICADOS DO PRÊMIO SHELL RJ

### DRAMATURGIA

- \*Dadado de Freitas e Mauricio Lima por “Arqueologias do Futuro”
- \*Pedro Brício por “Um Jardim para Tchekhov”
- \*Pedro Emanuel e Vinicius Arneiro por “Língua”
- \*Silvia Gomez por “Lady Tempestade”

### DIREÇÃO

- \*Adriana Schneider, Cátia Costa e Mar Mordente por “Um Pássaro Não É Uma Pedra”
- \*Dadado de Freitas e Mauricio Lima por “Arqueologias do Futuro”
- \*Pedro Sá Moraes por “Hereditária”
- \*Yara de Novaes por “Lady Tempestade” e por “Prima Facie”

### ATOR

- \*Édio Nunes por “Professor Samba: uma homenagem a Ismael Silva”
- \*Márcio Vito por “Claustrofobia”
- \*Othon Bastos por “Não me Entrego, Não!”
- \*Renato Livera por “Deserto”

### ATRIZ

- \*Ana Marlene por “Egoísta”
- \*Andrea Beltrão por “Lady Tempestade”
- \*Débora Falabella por “Prima Facie”
- \*Débora Lamm por “Último Ensaio”

### CENÁRIO

- \*André Cortez por “Vital, o Musical dos Paralamas”
- \*Beli Araujo e Cesar Augusto por “Claustrofobia”
- \*Marieta Spada por “Um Filme Argentino”
- \*Ricardo Siri por “Hereditária”



*Hereditária*

Renato Mangolin/Divulgação



*Língua*

Felipe Ovelha/Divulgação



*Lady Tempestade*

### FIGURINO

- \*Carla Costa por “Amor de Baile”
- \*Claudia Schapira por “América: Em

Divulgação

- \*Karen Brustolin por “A Vedete do Brasil”

### ILUMINAÇÃO

- \*Adriana Ortiz por “Um Filme Argentino”
- \*Dadado de Freitas por “Arqueologias do Futuro”
- \*Fabiano Diniz por “Memórias de Terra e Água”
- \*João Gioia e Renato Livera por “Sidartha”

### MÚSICA

- \*Beà Ayòóla por “Amor de Baile”
- \*Dani Nega por “Eu Sou um Hamlet”
- \*Eugênio Lima por “América: Em Três Atos”
- \*Morris por “Prima Facie”

### ENERGIA QUE VEM DA GENTE

- \*Escola Nacional de Circo Luiz Olimecha - maior referência de formação de artistas do teatro circense na América Latina há mais de 40 anos.
- \*João Vicente Estrada, Lana Sultani e Ricardo Loureiro, pela criação de uma experiência poética transformadora em “tudo é minúsculo tudo é presença”, a partir das percepções do artista João Vicente, diagnosticado com esclerose lateral amiotrófica (ELA) desde 2020.
- \*Programa Enfermaria do Riso – UNIRIO - por desenvolver desde 1998 uma ação de extensão integrada entre os cursos de Teatro e Medicina para formação e pesquisa em torno de intervenções artísticas de palhaçaria em hospitais.
- \*Retiro dos Artistas - por promover há mais de 100 anos hospitalidade, cuidado e bem-estar a artistas e técnicos de teatro.

Divulgação



*Não Me Entrego, Não!*

Márcio Farias/Divulgação



*Eu Sou um Hamlet*

Três Atos”

- \*Fábio Namatame por “Alguma Coisa Podre”

# Aderbal, presente!

Mostra no Teatro Gláucio Gill apresenta a trajetória de um dos mais importantes dramaturgos brasileiros, falecido em 2023, que tem uma importante história com o local

O Teatro Gláucio Gill inaugura, nesta quarta-feira, 19 de março de 2025, às 18h, a exposição “Aderbal Teatro Cidade”, uma homenagem ao diretor, ator e apresentador Aderbal Freire-Filho, falecido em 2023. Com curadoria de César Oiticica Filho, a mostra destaca a vasta obra de um dos mais importantes e criativos dramaturgos brasileiros, que tem uma conexão histórica com o Teatro Gláucio Gill. Em 1989, ele criou ali o Centro de Demolição e Construção do Espetáculo (CDCE), um marco na dramaturgia nacional. Idealizada por Rafael Raposo, com conceito visual de Lea van Steen, a exposição se expande além do teatro, ocupando também a Praça Cardeal Arcoverde.

“Nosso objetivo foi criar uma exposição que fosse, ao mesmo tempo, uma obra de arte, trazendo a experimentação tão presente no teatro de Aderbal e o diálogo com a cidade, característica marcante de seu trabalho”, afirma o curador César Oiticica Filho.

Recém-reinaugurado após um ano de reformas, o Teatro Gláucio Gill ganhou uma sala expositiva, onde será apresentada uma videoinstalação permeada por falas e frases de Aderbal, aproximando o público de sua obra e visão de mundo. Duas telas, dispostas frente a frente, apresentarão, de um lado, sua figura e, de outro, seus projetos, criando um espaço onde os visitantes poderão relaxar ao som de sua própria voz. “Dessa forma, conseguimos transmitir sua potência. É como uma explosão que partiu dali nos anos 1980 e gerou tantas coisas, muitas delas nesse contato com a rua e a cidade”, explica o curador. “O Aderbal nunca esqueceu o Teatro Gláucio Gill, e este tem o dever institucional de preservar sua memória e legado”, destaca Rafael Raposo, diretor do teatro.

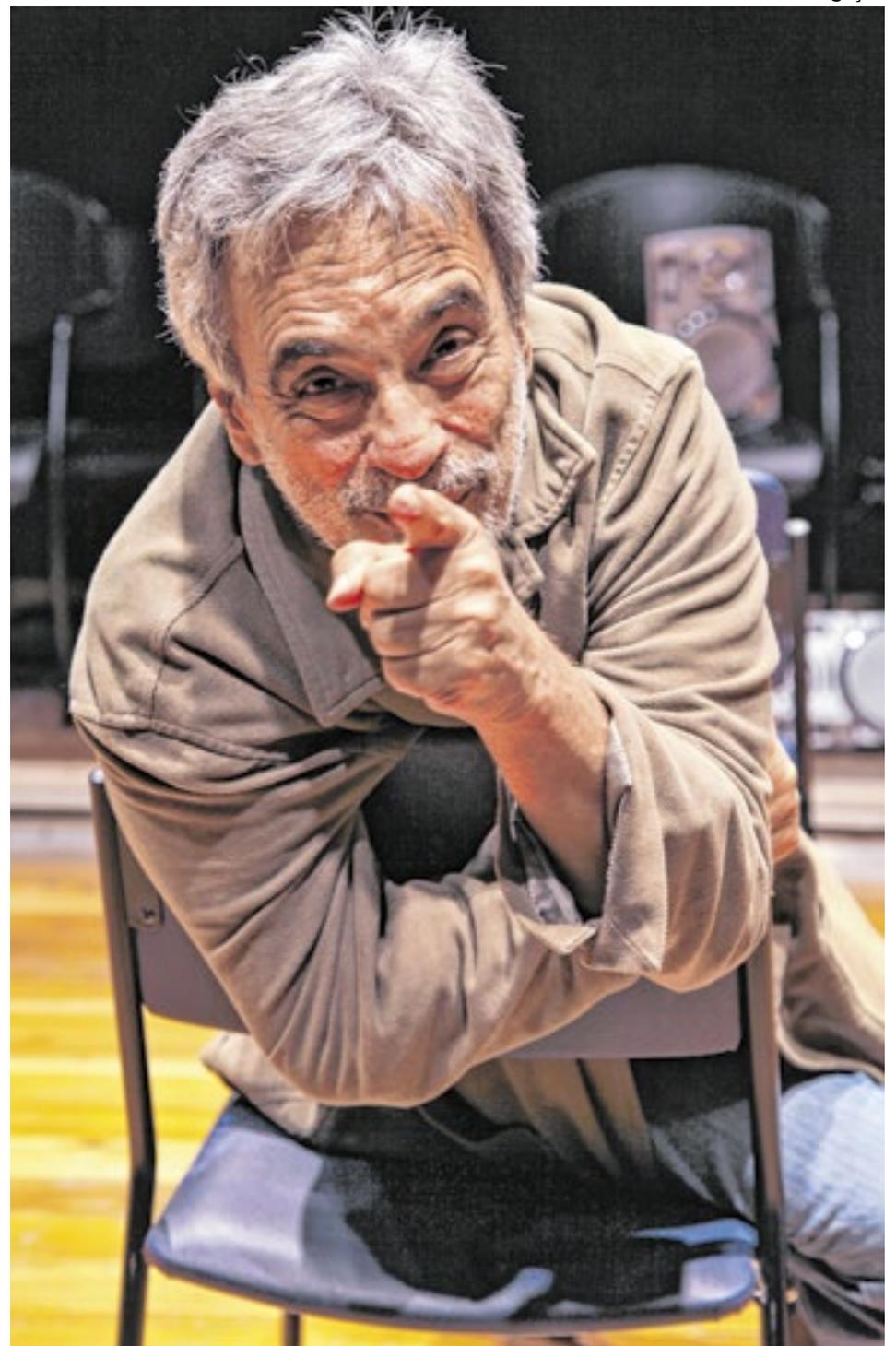
Para Aderbal, o teatro era um meio de despertar a consciência crítica do especta-

dor e realizar-se na coletividade. Por isso, não se limitou aos palcos convencionais, ocupando também as ruas. No Rio de Janeiro, cidade onde escolheu viver, encenou espetáculos dentro de ônibus em movimento, em museus, parques e espaços subterrâneos do metrô ainda em construção. Seguindo esse espírito, a exposição também se expande para a Praça Cardeal Arcoverde, onde serão exibidas imagens e cartazes de espetáculos históricos. “Vamos honrar o caráter experimental de Aderbal ao dialogar com a cidade, levando a obra para fora do teatro, em contato direto com as pessoas”, explica o curador.

Em 1989, Aderbal ocupou o Gláucio Gill, então abandonado, e criou o CDCE. “Essa ocupação fomentou o pensamento artístico com rodas de leitura, seminários, feira de livros e grandes espetáculos”, lembra o produtor executivo Cleisson Vidal. “Talvez esse tenha sido seu momento mais revolucionário. Sempre inovador, ele transformou um prédio em ruínas em um equipamento cultural de relevância”, acrescenta o curador. O CDCE tornou-se um verdadeiro laboratório teatral, gerando avanços na linguagem cênica e contribuindo ativamente para a revitalização do prédio e do entorno.

“A exposição tem a missão de dar visibilidade ao artista. Aderbal dizia que o ator se torna invisível ao fim da peça, mas que o diretor é invisível sempre. Quero torná-lo visível, mostrando quem foi esse homem que, entre tantas conquistas, recuperou esse espaço para o teatro, para o Rio de Janeiro e para a cultura brasileira”, conclui César Oiticica Filho.

Diretor, ator e apresentador, Aderbal Freire-Filho destacou-se por aliar a busca por novas formas teatrais a uma encenação que coloca o ator no centro da comunicação dramática. Formado em Direito, iniciou sua trajetória teatral em Fortaleza, nos



**Aderbal Freire-Filho tem sua obra e legado para o teatro destacados em exposição no Teatro Gláucio Gill, espaço onde realizou alguns de seus projetos cênicos mais marcantes**

anos 1950. Radicado no Rio desde 1970, estreou como ator em “Diário de um Louco”, de Nikolai Gogol, encenado dentro de um ônibus. Em 1977, dirigiu “A Morte de Danton”, de Georg Büchner, em um canteiro subterrâneo do metrô carioca. No final da década de 1980, retomou seu projeto de companhia teatral e revitalizou o Teatro Gláucio Gill, reabrindo-o com “A Mulher Carioca aos 22 Anos”, pelo qual recebeu o Prêmio Shell.

Sua prática teatral se combinava a uma intensa reflexão sobre o ofício, expressa em palestras, oficinas e textos sobre teatro. Lecionou na Casa das Artes de Laranjeiras,

na Escola de Teatro Martins Pena e na Faculdade de Letras da UFRJ, além de coordenar um curso de pós-graduação na Escola de Comunicação da UFRJ. Ao longo de sua carreira, explorou diversas linguagens e projetos cênicos, sempre com uma abordagem inovadora e questionadora da criação teatral.

## SERVIÇO

ADERBAL TEATRO CIDADE  
Teatro Gláucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde s/nº - Copacabana)  
De 19/3 a 19/4, diariamente das 10h às 22h | Entrada franca

ENTREVISTA / FERNANDO MUNIZ, PRODUTOR

# 'Coproduções internacionais são um bom negócio'

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

**A**o colocar a pedra fundamental no longa-metragem "Última Noite", que começa a ser rodado este mês em Lisboa, Fernando Muniz estreita laços entre sua empresa, a FM Produções, e uma das mais respeitadas usinas de (boa) dramaturgia da Europa, a Fado Filmes. É um casamento de talentos artísticos e equações financeiras que refina a relevância estética (e geopolítica) das coproduções internacionais. Preparando-se para lançar "Filhos do Manguê", que rendeu à cineasta Eliane Caffé o troféu Kikito de Melhor Direção em Gramado, em 2024, Muniz traz em seu currículo uma apoteose da diva espanhola Carmen Maura.

Ela foi estrela de "Veneza" (2019), rodado por Miguel Falabella no Uruguai, que integra seu histórico de projetos como produtor. Participou ainda do único documentário nacional que conquistou o prêmio L'Oeil d'Or do Festival de Cannes: "Cinema Novo", de Eryk Rocha, lançado em 2016.

Agora, radicado em Setúbal, a 40 minutos da capital portuguesa, Muniz batalha com ardor para oferecer ao diretor e roteirista Tiago R. Santos todos os meios para fazer de seu "Última Noite" um longa de requinte. A trama tem tons de thriller e expõe a violência contra as mulheres. No argumento, o jovem escritor americano Andrew (Sebastiano Pigazzi) está às vésperas de regressar a Nova York, quando é confrontado por Sara (Teresa Tavares), uma artista portuguesa que o acusa de um terrível crime.

Na entrevista a seguir, Muniz analisa as potências criativas inerentes o intercâmbio entre filmografias de nações separadas por um oceano, mas unidas pela língua.



Acervo pessoal

**Qual é o maior desafio e qual é o maior deleite de se ensaiar uma coprodução internacional tendo o Brasil como parceiro?**

**Fernando Muniz:** Na verdade, a FM Produções, minha empresa no Brasil, é a parceira da Fado Filmes de Portugal. Fui contemplado no Brasil pelo edital de coprodução internacional de 2024 e a FM complementou o financiamento do pro-

jeto português

**De que forma Portugal passou a ser apresentar como um lar para você e como um espaço de investimento, para coproduções?**

Minha escolha de me estabelecer em Portugal foi uma escolha de vida. Elegi Lisboa como a cidade onde quero viver minha terceira idade, pois já estou com 62 anos. Essa decisão tem a haver com

qualidade de vida e segurança. A Ancine e o Fundo Setorial do Audiovisual enxergaram finalmente o bom negócio que são as coproduções internacionais e isso reforçou a minha escolha e me deu os meios financeiros para empreender em Portugal.

**O que mais te fascinou na proposta estética de Tiago R. Santos, roteirista e diretor de "Última Noite"?**

Tiago é um brilhante roteirista. O roteiro é o ponto de partida de todo projeto, segundo meu entendimento. Escolhemos as histórias com as quais nos identificamos, pelo aspecto humano, por sua relevância e por sua força. Em a "Última Noite" nos deparamos com questões profundas e nossa abordagem irá reforçar essa densidade. O conflito dos protagonistas, nessa história, que se passa em uma única noite, praticamente em um apartamento no centro de Lisboa, é um campo fértil para a realização de uma proposta estética ousada e diferenciada

**De que forma projetos como "Veneza" e "Cinema Novo" (premiado em Cannes) preparam seu know-how sobre internacionalização da produção audiovisual?**

Os dois projetos me levaram a frequentar os mercados internacionais, a conhecer players de relevo e a conhecer os selecionadores de muitos festivais. Digamos que muitas portas me foram abertas pelo reconhecimento internacional desses filmes.

**Onde e como nasce seu fascínio com o cinema?**

Sou ator de formação. Nos anos 1980, atuei no Rio de Janeiro e, apesar de amar o Teatro, sempre tive o fascínio pelo cinema. Quando eu era adolescente, ia assistir Fellini, Pasolini, Truffault, Bergman em sessões à tarde, quase sempre em salas vazias. Não me importava com isso. Fui totalmente atraído desde cedo pelo cinema de autor.

**Começou a fazer cinema quando e onde?**

Nasci e cresci no Rio, até ir tentar a carreira de cantor de ópera na Itália, onde vivi por 20 anos. Ao voltar para o Brasil, reencontrei meus velhos amigos do teatro, que me convenceram de que eu tinha o perfil de produtor. Não sei se fiz bem, creio que sim: acreditei naqueles amigos e comecei a produzir e distribuir filmes.

# Prime Video, tem ‘Piedade’ de nós

República Pureza/Divulgação

Streaming da Amazon abre novas telas para o filmaço de Claudio Assis com a diva Fernanda Montenegro que sofreu com a pandemia para encontrar circuito exibidor

Por **Rodrigo Fonseca**  
Especial para o Correio da Manhã



**Irândhir Santos e Fernanda Montenegro em ‘Piedade’, que passa a ter chance no streaming após sofrer com a escassez de salas na pandemia**

devastador papel (e a mais luminosa atuação) de Matheus Nachtergaele.

É pelo litoral de Piedade que Aurélio ataca: o título do filme é o nome de uma utopia praiana. O roteiro dessa utopia é escrito por Anna Francisco, Dillner Gomes e Hilton Lacerda e dele saem pérolas como “E sexo fede desde quando? Sexo é cheiroso”.

No longa, essa tal praia com nome de sentimento é alvo do apetite da corporação para a qual Aurélio trabalha, sempre reportando suas andanças (e suas corrupções) à sua mãe, de quem disfarça sua orientação sexual. A tal big mama, igualmente intolerante, vivida por Denise Weinberg, não esconde sua homofobia quando suspeita que homens sem camisa frequentam o quarto de seu filhinho. Apesar das carapuças de que se esquiva, Aurélio veste com prazer, no âmbito profissional, a máscara de predador.

Sua presa preferida, com perfil de iguaria, é o exibidor Sandro, papel que faz Cauã Reymond passar, de uma vez por todas, aos altares do risco e da exuberância cê-

nica. Se existe, em “Piedade”, um lugar de heroísmo, de virtude, esse lugar pertence a Sandro, que gravita pelo liberalismo do amor. A morada dele é um cinema pornô, onde reside a autoralidade mais fina de Assis, como o grande realizador que é: sua obra, como uma vez definiu Nachtergaele, é sobre “como a gente trepa errado e sobre como a gente ama errado”. Aliás, trepadas raras vezes ganharam luz mais linda do que a iluminação empregada pela fotografia de Marcelo Durst para desenhar o tônus lírico da querência dos corpos de Assis.

Em geral, em seus filmes, relações sexuais são associadas ora à brutalidade, ora ao revanchismo (como o fio terra com uma escova de cabelo em “Amarelo Manga”), ora à escatologia (como a urina numa banheira onde um poeta come mulheres idosas em “Febre do Rato”). Em “Piedade”, o sexo ferve a banho-maria: é intenso, mas tem cumplicidade. O sexo une Aurélio e Sandro numa beleza coroada pela hipocrisia de um e a coragem de outro. Aurélio pode seguir sendo tubarão porque esconde seu querer, numa lógica submissa de homofobia e podridão moral. Sandro, por sua vez, assume quem é, tendo sido expulso de seu lar adotivo por isso. Mas não guarda mágoas. Ele é pura potência, pois

deseja e obedece às suas vontades.

Existe, aí, no quadrante de prazeres e de cicatrizes de Sandro, uma parentela entre “Piedade” e o já citado Rainer Werner Fassbinder (1945-1982), cineasta alemão, pilar essencial ao castelo do melodrama. Mas a parentela se dá não com o Fassbinder das obras consagradas (tipo “Lili Marlene” ou “O Casamento de Maria Braun”), mas sim o Fassbinder da bile, o de “Roleta Chinesa” (“Chinesisches Roulette”, 1976) e o de “O Machão” (“Katzelmacher”, 1969).

É o melodrama do azedume, com o cheiro do adstringente que Sandro recomenda para diluir o aroma de ejaculação em seu cinema pornô. Aquela casa de tolerância avinagrada a fotogramas lembra o cineminha erótico retratada pelo diretor filipino Brillante Mendoza em “Serbis” (2008), mas com um sotaque de Brasil. Um Brasil de erosões e de abandono: nele, a veia melodramática do filme de Assis vem à tona quando Sandro (numa apoteótica gestualização de Cauã) descobre ter uma mãe biológica ainda localizável. Seu desafio é buscar seu paradeiro. Um paradeiro em que Fernanda Montenegro nos ilumina, e abre caminhos para que a forma de Assis filmar seja redescoberta e rediscutida.

**C**erca de seis anos depois de sua primeira projeção mundial, na telona do Festival de Brasília, “Piedade”, o momento Fassbinder de Cláudio Assis, ganha o reforço da Prime Video para fazer do streaming mais do que um lugar de pouso. Na plataforma da Amazon, há espaço nobre para um dos longas-metragens mais belos do cineasta pernambucano conquistar holofotes à altura de seu esplendor e arrebatador olhares que não teve chance de atrair em circuito. Sua estreia comercial foi penalizada pela pandemia.

Sua migração para a streaminguesfera coincide com a dose extra recente (e merecida) de badalação em torno de uma de suas atrizes, aliás, “A” atriz, Fernanda Montenegro. Sua presença no ganhador do Oscar “Ainda Estou Aqui” e o lançamento de “Vitória” ampliaram o interesse da mídia por sua atuação.

Ela reforçou o rol de estrelas no currículo de Assis, que, em 2002, tomou o Brasil de assalto com “Amarelo Manga” (2002). Há na filmografia dele – elevada às alturas da excelência com “Baixio das Bestas”, ganhador do Tiger Award de Roterdã, em 2007 – um canteiro para tubarões, animal mencionado várias vezes em “Piedade”, associado sempre à ideia de ganância e desajuste social. Sua fera mais faminta é o executivo de uma petrolifeira, que bebe uísque com o júbilo da ostentação. Aurélio, essa máquina de matar, é o mais

Por Affonso Nunes

**M**arina Baggio é uma artista inquieta. Pensadora, artista plástica, cineasta, fotógrafa, designer, cantora e compositora, ela transita por múltiplas linguagens em uma investigação estética que batizou de “Bahia Oriental”. E chega à cena musical com “Kissila”, um trabalho musical de estreia referendado por padrinhos de peso.

Nascida em 1996, Marina passou a infância em Salvador, cercada pelo mar, ouriços, coqueiros e bananeiras, elementos que marcam sua produção em pintura e fotografia. Aos 16 anos, mudou-se para a China para trabalhar como modelo e, desde então, tornou-se cidadã do mundo.

Sua trajetória artística percorreu diversos países, com exposições, instalações e pinturas em diferentes espaços. Em 2023, realizou sua primeira mostra individual em Lisboa. A dramaturga Manuela Dias descreve sua arte com precisão: “Marina desenha como se fosse a maré enchendo. Toca violão e canta como quem faz silêncio e sorri. Quando filma, gera imagens que nos mostram o mundo como a gente queria que ele fosse”.

De volta ao Brasil, abriu seu próprio ateliê, onde uma geladeira azul dos anos 50, sem motor, guarda papéis, tintas e materiais que alimentam seu processo criativo. Foi nesse ambiente que abraçou definitivamente a música.

“Kissila” foi lançado semana passada pelo selo Atabaque. Produzido por Dadi (ex-A Cor do Som e Barão Vermelho), o disco reúne nove faixas, sendo oito autorais e um dueto especial com Roberto Mendes, violonista de renome e um dos mais celebrados compositores dos dias de hoje. A sonoridade sofisticada e singular celebra a riqueza da música brasileira, construída por um time de mestres: o já citado César Mendes, Chico Brown, Marcelo Costa e Tomás Improta, músicos que imprimem autenticidade a cada nota. A fusão de influências e ritmos faz de “Kissila” uma obra que equilibra tradição e contemporaneidade.

“O álbum é uma colagem de linguagens e sonoridades, um reflexo da liberdade criativa e do poder dos encontros”, define Marina. Vem acompanhado de um filme que reúne clipes para todas as músicas e leva o mesmo nome do disco, funcionando como um autorretrato construído ao longo dos anos dentro de suas criações visuais. A incursão na música é uma novidade que se encaixa natural e organicamente em sua trajetória de experimentação artística.

A faixa-título surgiu de um encontro inesperado. “Nasceu em Salvador há anos”, conta Marina. “Eu devia estar com a adrenalina alta



*Professor de violão de Marina Baggio, César Mendes é um dos alicerces da arquitetura musical de ‘Kissila’, álbum de estreia da multi-artista baiana*

# A inquietude que se fez música

Artista plástica, filmmaker, fotógrafa, designer, cantora e compositora, Marina Baggio lança seu primeiro álbum com participação de Roberto Mendes, César Mendes e Chico Brown

ainda de um assalto na noite anterior para ter a ousadia de convidar Caetano Veloso a escutar uma composição minha. Cantei para ele, que foi generoso ao me ouvir e perguntar se eu tocava violão. Contei que ainda tocava mal, que havia comprado um para praticar, mas os ladrões levaram. Ele perguntou o nome da canção. ‘Kissila’, respondi. Caetano ficou em silêncio por um momento e disse: ‘Kissila é tipo beije her’. Não entendi nada. Ele repetiu:

‘Kis-si-la. Bei-je-her’. E lógico que era”.

Marina reconhece a influência e o aprendizado com seus mestres. “Quando Caetano me perguntou se eu tocava violão, nem nos melhores sonhos imaginei que anos depois aprenderia com César Mendes, o melhor professor e amigo que a vida poderia me dar”. A relação com os Mendes se aprofundou. Roberto Mendes, um dos maiores compositores santo-amarenses, presenteou Marina

com “Gestos”, única canção do álbum que ela não compôs. “Criei uma relação de família com Cezinha, o que trouxe também Roberto para minha vida. Sempre que o visitamos em Santo Amaro, fico encantada com suas histórias e canções. Um dia, conversando de manhã cedo, brinquei: ‘E a nossa?’. Roberto desligou e, minutos depois, recebi a gravação de ‘Gestos’. Me tremi toda. Nem acreditei no que estava acontecendo”.

Além dessas faixas, “Kissila” traz “Agora Só Penso em Você” (Marina Baggio, César Mendes e Chico Brown), a bossa nova “Delícia Demais” (Marina Baggio e César Mendes), com o assobio de César, o samba cadenciado “Chave de Cadeia”, recheado de violões, baixo, bandolins, teclados e guitarras de Dadi, e “Sujeita à Cobrança”, um blues com arranjo e piano de Tomás Improta. Há ainda “Não Aperte Minha Mente”, que traz as percussões iluminadas de Marcelo Costa, “Jailbreak”, versão em inglês de “Chave de Cadeia”, e “Vinheta”, instrumental em que Chico Brown traduz pelas guitarras o refrão de “Agora Só Penso em Você”, brincando com o som das palavras para transformar uma vinheta em “vinheta”.

A estreia em disco é, ao mesmo tempo, um novo começo e a continuidade natural de sua trajetória artística, marcada pela inquietação e pelo desejo de explorar as múltiplas possibilidades da expressão.

# A nova queridinha dos chefs

Maiores e mais aromáticas, trufas do Brasil conquistam espaço em restaurantes badalados do eixo Rio-São Paulo

Por Flávia G. Pinho (Folhapress)

**E**m fevereiro, a chef Janaína Torres, fundadora do Bar da Dona Onça, de São Paulo, subiu ao palco como convidada do congresso internacional Identità Milano 2025, na Itália. Ali, palestrou sobre a influência italiana na gastronomia paulistana -e contou, entre outras coisas, que o Brasil também produz trufas.

“Os que mais perguntaram foram os cozinheiros brasileiros que vivem na Itália. Ficaram mais surpresos do que os italianos”, recorda a cozinheira.

Embora a produção nacional seja recente - as primeiras trufas brasileiras foram descobertas no Rio Grande do Sul, por acaso, em 2016- e tenha começado de forma tímida, com bolotas diminutas e sem tanto perfume, pode-se dizer que elas cresceram e apareceram. Literalmente.

Essa evolução pode ser vista nos novos pratos do Bar da Dona Onça, com lâminas da trufa *Tuber floridanum*, apelidada de sapucay, que aparecem sobre canapés de tartare de carne (R\$ 120, seis unidades), no topo do capellini na manteiga (R\$ 120) e da musse de chocolate (R\$ 95).

“Fui para o Sul visitar o pomar onde elas crescem e as trouxe comigo na mão, durante o voo de volta. São muito aromáticas, delicadas, com notas de nozes e amêndoas”, afirma



Divulgação

**O biólogo gaúcho Marcelo Sulzbacher é pioneiro no cultivo de trufas no Brasil e conta que a evolução da espécie no país se deve ao aprimoramento das técnicas de manejo**

Rueda.

Segundo o biólogo gaúcho Marcelo Sulzbacher, o especialista em fungos que descobriu as trufas brasileiras, a evolução se deve ao aprimoramento das técnicas de manejo. Elas brotam embaixo da terra, coladas às raízes de árvores como nogueiras e castanheiras, e dependem de terreno com água na medida certa.

“Precisam de umidade, mas têm que respirar no solo, que não deve estar encharcado. A cobertura vegetal também ajuda a proporcionar conforto térmico”, explica.

Paulistano radicado em Porto Alegre, onde comanda a cozinha da Benjamin Osteria, o chef Bruno Hoffmann adquiriu 1,6 quilo de trufas sapucay na temporada atual, que começou em novembro e chega ao fim agora em março. Serviu as lâminas sobre tagliolini na manteiga de cogumelos e no topo de um raviolo de creme de palmito, mas o estoque já se esgotou.

Para ele, a espécie nacional vem melhorando a cada ano, mas não deve ser compara-

“As trufas precisam de umidade, mas têm que respirar no solo, que não deve estar encharcado. A cobertura vegetal também ajuda a proporcionar conforto térmico”

Marcelo Sulzbacher

da às europeias. “As primeiras eram bolinhas de pouco mais de 3 centímetros, mas neste ano recebi uma com 45 gramas. Mesmo maiores, são naturalmente mais suaves.”

Hoffmann fala com conhecimento de causa. Ele iniciou a carreira no extinto Al Castello di Alessandro Boglione, duas estrelas Michelin que ficava em Alba, norte da Itália, região onde ocorrem as trufas brancas mais

caras do mundo -chegaram a custar 4.500 euros o quilo na temporada 2024, o equivalente a R\$ 27 mil. Em restaurantes paulistanos, o grama foi cotado a mais de R\$ 80.

O preço da sapucay não chega a tanto. Nas duas unidades da Tartuferia San Paolo, onde a trufa brasileira pode ser laminada sobre qualquer prato, o cliente desembolsa R\$ 20 por cada grama. Três gramas é a quantidade mínima recomendada, ou seja, R\$ 60 são somados ao valor do prato. “A sapucay está chegando pelo preço das trufas negras italianas”, compara Monica Claro, sócia dos restaurantes.

No Rio, o chef Rafa Gomes, do Tiara, serve sapucay sobre nhoque de batata-baroa. A R\$ 198, o prato já vem com três gramas de sapucay laminada, mas a casa permite que o cliente ponha trufas sobre qualquer outra receita -neste caso, três gramas saem por R\$ 94, fora o preço do prato.

Chef do Capincho, em Porto Alegre (RS), Marcelo Schambeck adquiriu trufas nacionais pela terceira vez, nesta temporada, e registra uma curiosidade crescente pelo ingrediente. Atualmente, as lâminas aparecem sobre o entrecôte ao molho de cogumelos (R\$ 340).

“Fiz um evento fechado para um grupo e o cliente me contou que compraria trufas europeias. Sugeri que usasse as nacionais e todos se surpreenderam com o tamanho e a qualidade”, afirma o chef.

Por enquanto, o principal fornecedor de trufas sapucay é a Paralelo 30, propriedade com 122 hectares de pomar, em Cachoeira do Sul (RS), cujo negócio principal é a produção de noz-pecã. Na temporada 2024/2025, foram colhidos 50 quilos. Lá, as trufas foram descobertas por acaso, mas já tem gente investindo no plantio de mudas já inoculadas.

A Simbiose Tartufo, fundada por Marcelo Sulzbacher, vende mudas inoculadas com os esporos das trufas e já implementou 15 hectares, em terrenos do Sul e do Sudeste. Regiões frias e montanhosas, como a Serra da Mantiqueira, são as mais indicadas.

Segundo o biólogo, a sapucay não é a única promessa para o Brasil. Trufas da espécie *Tuber borchii*, conhecidas na Itália como bianchetto, já foram encontradas em São Bento do Sapucaí (SP), e da espécie *Tuber lyonii*, a rubi, conhecida nos Estados Unidos, foram descobertas em Santa Cruz do Sul (RS).

Há cerca de dois meses, Sulzbacher descobriu mais uma variedade. “Colhia trufas na Paralelo 30 quando, no meio das sapucay, vi uma diferente, com aroma forte. Ainda não concluímos os estudos. Mas, para quem dizia que o Brasil jamais teria trufas...”

## Tecnologia e calor humano. Têm que estar sempre juntos.

Uma empresa que há 42 anos administra  
uma liderança imbatível de mercado tem que  
entender muito de administração.

Protel. A administração condominial que une  
tecnologia com calor humano no atendimento.

Síndicos felizes recomendam.

Vai ser eficiente assim lá em casa.



**PROTEL**

ADMINISTRAÇÃO DE CONDOMÍNIOS.